

APRENDENDO COM O SENHOR JOÃO

Raquel Drumond

Durante dois anos, trabalhei com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma turma multisseriada, com alunos do 1º ao 5º ano, na faixa etária de 15 a 69 anos.

O trabalho era árduo, com vários planejamentos. Nunca consegui separar ou agrupar os alunos por série; se assentavam em qualquer lugar e eu ficava indo de carteira em carteira para acompanhar de perto as dificuldades e os progressos. Cada avanço era comemorado, os alunos ficavam agradecidos e felizes.

Um aluno me marcou e sua história de vida me fascinou, o senhor João. Ele é natural do Ceará e se mudou ainda jovem para São Paulo, foi em busca de melhores condições e de um bom emprego. Era analfabeto e desembarcou na capital sem saber pra onde ir e o que fazer. Para conseguir o serviço, contou com a colaboração de um jovem que também pleiteava uma vaga, ele preencheu o questionário e o ajudou a conseguir o serviço. Trabalhou até se aposentar em uma empresa de transporte, em que despachava mercadorias para todo o país. Mesmo sem saber ler, conseguia receber e despachar notas e mercadorias. Ele conta que, uma única vez, a mercadoria foi para o destino errado. Quando se aposentou, se mudou para Acaiaca, onde teve a oportunidade de estudar.

Quando assumi a turma, ele já havia estudado durante dois anos com outra professora e já sabia ler, porém com muita dificuldade nas sílabas complexas. Um dos relatos mais lindos que ele contava era sobre o seu retorno à São Paulo depois de ter aprendido a ler. Dizia que a rodoviária não era mais um lugar estranho, que já sabia ler a placa do banheiro e não precisava mais esperar uma pessoa entrar para saber em qual ir. Pegou ônibus e leu placas. São Paulo não foi a mesma, tudo teve sentido.

O senhor João tinha um problema grave de visão, glaucoma. Nas primeiras aulas, demonstrou dificuldade para ler e copiar do quadro e muita resistência para escrever com letra cursiva. Com medo da evasão e consciente do papel do professor da EJA para garantir a permanência dos alunos, criei estratégias para inclui-lo nas aulas. O eximi de fazer cópias e escrevia tudo no caderno para ele, com letra bastão e grande. Durante as leituras coletivas, ficava ao lado dele para o auxiliar. No final do primeiro ano com eles, o senhor João já havia completado o seu tempo escolar, mas pediu pra ficar, pois queria aprender mais. Ele permaneceu mais um ano e concluiu o ensino fundamental I com os colegas.

Uma inquietação havia em mim: como será na nova escola? O que vão fazer por e para ele? O que vão dizer quando souberem que a professora do “primário” fazia todas as cópias pra ele? Vão julgá-lo: “ele não sabe! Ele não consegue!”.

Essas dúvidas viraram medo. Como minha postura seria avaliada? Fiz tudo para que ele ficasse, que pudesse aprender com qualidade. Infelizmente, o senhor João não prosseguiu nos estudos, não experimentou outros saberes escolares.

E meus medos? Ficaram só na minha imaginação.